

Editorial Revista Espinhaço

Carlos Alberto Dias¹

¹ Graduado em Psicologia pela Faculdade Dom Bosco de Filosofia, Ciências e Letas. Mestre e Doutor em Psicologia pela Université de Picardie Jules Verne.

Nos anos de 1990, preocupado em aprofundar meus conhecimentos em Psicologia, sobretudo em relação aos problemas clínicos que afligem inúmeros indivíduos, lancei-me em uma viagem cujo destino foi a terra de Júlio Verne, a cidade de Amiens, França. Talvez por transitar nos espaços e paisagens a partir dos quais este escritor e “geógrafo” narrou suas grandes viagens, aprendi que este distanciamento temporário da sociedade brasileira poderia me trazer grande aprendizado. A partir desta experiência, dentre as respostas encontradas, descobri a importância do espaço no qual se estabelecem as relações do sujeito consigo mesmo e dele com os demais indivíduos.

Esta primeira experiência trouxe apenas uma parte do que viria a descobrir. Nesta época, não tinha ideia do quanto a Geografia iria contribuir para meu conhecimento sobre indivíduos e sociedade. No entanto, senti que precisava seguir os passos de Júlio Verne e ousar um pouco mais. Se o espaço aparece muitas vezes como elemento central de sua literatura, qual seria o papel desta variável na psicologia? Este aprendizado só foi possível quando no ano de 2009 inseri-me no Programa de Pós Graduação em Gestão Integrada do Território (GIT) da Universidade Vale do Rio Doce.

No GIT, tive contatos com profissionais de outras disciplinas que não a Psicologia. Nestes, entendi que a compreensão do humano passa pela observação das atividades e das complexas relações humanas e sociais estabelecidas em um espaço vivido, que por sua vez interfere na configuração do espaço físico no qual elas ocorrem. Estava eu, por acaso, descobrindo que a compreensão do humano, portanto, a Psicologia, possui proximidade com a Geografia. Não a Geografia de meus tempos de Ginásio, mas do tempo atual. Uma Geografia que além dos aspectos físicos como relevos e vegetações tem como objeto de estudo as relações e produções que a sociedade estabelece e constrói com a natureza.

Foi preciso algum tempo para entender que a Geografia e a Psicologia possuem algo em comum: o ser humano. Isto porque no espaço físico, concreto, estabelecem-se ações humanas que, em associação, ampliam e alteram a própria noção de espaço dando a ele múltiplas formas (espaço vivido, espaço humano, espaço construído).

Uma prova disto é a riqueza de conteúdos que nos traz este número da Revista Espinhaço. Temas instigantes que satisfazem tanto àqueles que se interessam pela estrutura dos minerais quanto pela cultura de grupos humanos que fazem uso da natureza sob uma perspectiva de sustentabilidade. Por mais diversificados que sejam os objetos estudados pelos autores aqui presentes, um elemento é comum a todos eles: o espaço.

Inicialmente, o quinto volume da Revista traz o trabalho realizado por Adolf Horn, Yves Fuchs, Soraya Neves, Etienne Balan e Jorge Linarès que apresentam uma análise mineralógica de amostras de dumortierita de várias localidades do Brasil, além de um estudo comparativo dos resultados com amostras de depósitos presentes em outras localidades da América do Sul e América do Norte.

Os textos que se seguem tratam das relações que o homem estabelece com e no ambiente. Assim, Katia Campos aborda em seu artigo a área mais ameaçada da Serra do Ouro Preto, a chamada Serra do Veloso, que guarda ainda um sítio arqueológico, com importantes remanescentes construtivos da mineração do passado. A ameaça aqui retratada foi gerada pelo rápido crescimento populacional ocorrido no último quartel do século XX, que forçou a expansão da malha urbana em direção às antigas áreas de mineração, destruindo importantes remanescentes arqueológicos e ocupando áreas impróprias e instáveis.

Jucilaine Aparecida de Andrade e Marcos Antônio Nunes recapitulam e analisam as principais intervenções públicas realizadas no Semiárido brasileiro para garantir o abastecimento de água das comunidades sertanejas, evidenciando que parte das ações até então realizadas necessita de um melhor planejamento.

Maíra Figueiredo Goulart, Núbia Cristina Pinto e Luísa Cunha Cota identificam e comparam a percepção ambiental, o conhecimento sobre a natureza local e práticas educativas ambientais de professores do ensino fundamental com base num estudo aplicado em zonas urbana e rural de Diamantina, MG.

Em relação ao uso de ambientes mais adequados para atender a crescente demanda por energia, Chigueru Tiba, Rui Bran Januário dos Reis e Melina Amoni Silveira Alves fazem uma avaliação da localização para instalação de centrais solares termoeletricas no estado de Minas Gerais, utilizando a tecnologia de Sistema de Informações Geográficas (SIG). Os autores identificaram níveis de irradiação bastante promissores para geração de energia solar chegando ao valor de 2200-2400 kWh/m²/ano, nas regiões Norte e Nordeste do Estado.

No contexto da economia, Ralfo Matos e Rodrigo Nunes Ferreira demonstram que nas cidades médias do país o tempo de deslocamento diário dos trabalhadores é relativamente menor em relação aos grandes centros metropolitanos, com repercussões econômicas muito significativas.

Ampliando os limites de nossa compreensão sobre o alcance de uma geografia que contemple a interdisciplinaridade, um estudo antropológico e uma entrevista com o Diretor do Centro de Física Nuclear da

Universidade de Lisboa fecham este número. Ana Pimenta Ribeiro traz uma resenha sobre o livro de Flávia Maria Galizoni, no qual a autora mostra os resultados de uma interessante pesquisa de antropologia rural, buscando compreender a relação da população do alto rio Jequitinhonha (Nordeste de MG) e o seu ambiente natural. A autora demonstra que o equilíbrio ambiental dentro da comunidade pode ser capaz de contradizer a concepção de “vale da miséria”. Em entrevista, Filipe Duarte da Silva Santos, doutor em Física Nuclear e diretor do Centro de Física Nuclear da Universidade de Lisboa, salienta a importância da interdisciplinaridade para a compreensão dos problemas ambientais globais. Representante do governo português no IPCC e grande estudioso sobre mudanças climáticas globais, o professor defende que precisamos ser mais solidários com as gerações futuras.